



LÍDER
SUSTENTABILIDADE

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Qual o impacto para
as empresas no Brasil?

BIODIVERSIDADE

Como conciliar a preservação
dos biomas e a necessidade
de produzir mais alimentos

CRISE HÍDRICA

A real dimensão da escassez de
água para o abastecimento e a
geração de energia elétrica



Amyr Klink e suas viagens à Antártica: um observador privilegiado das pressões sobre o ambiente



“MUDANÇAS CLIMÁTICAS SÃO VISÍVEIS”

PARA O NAVEGADOR AMYR KLINK, ALTERAÇÕES NA VELOCIDADE DOS VENTOS E MAIOR INCIDÊNCIA DE RAIOS ULTRAVIOLETA PODEM SER RESULTADO DA AÇÃO DO HOMEM SOBRE O PLANETA

Poucos conhecem os mares como ele. Sob seu olhar de viajante, de quem passeia por oceanos e horizontes diversos, Amyr Klink enxerga e sente as intempéris da natureza, e as brutais consequências das mudanças climáticas. Mundialmente conhecido por suas expedições navais ao redor do mundo,

iniciadas há 31 anos, soma 42 viagens à Antártica. Suas observações e experiências frente aos danos sofridos pelo meio ambiente o levaram a ser nomeado em palestras sobre o tema, como no seminário *Antártica, 2048 – Mudanças Climáticas e Equilíbrio Global*, cujo conteúdo virou um livro, lançado no ano passado.

FOTOS: MARINA KLINK

“A Terra já foi mais quente e já foi mais fria. Mas é fato que uma parte das alterações é de nossa responsabilidade”

Nessa celeuma, um documento divulgado pelo governo federal que envolve o plano Ciência Antártica para o Brasil aponta que as regiões polares são tão importantes quanto os trópicos no sistema ambiental global, devido à presença de 90% do volume da massa de gelo do planeta. É o principal sorvedouro de energia da Terra, tendo papel essencial na circulação atmosférica e oceânica. É uma das regiões mais sensíveis às variações climáticas.

“As mudanças climáticas são visíveis, mas não sei se indicam um processo que nós começamos. De alguns anos para cá, você tem encontrado muito mais gelo em alto-mar, mas não sei o que esse fenômeno quer dizer, e ele não me impressiona tanto quanto o efeito da ação ultravioleta. Há 20 anos, tínhamos equipamentos muito sensíveis, como cabos, tecidos, roupas de polipropileno, que duravam várias temporadas. Hoje, não duram uma”, afirma Amyr



Segundo Amyr Klink, de alguns anos para cá é possível ver mais gelo em alto-mar



O convés do veleiro Paratii 2, com cordas de polipropileno, que hoje se deterioram mais rápido pela ação dos raios ultravioleta

Klink, ressaltando que a frequência de ventos também mudou. “Faço meus próprios modelos de análise sinótica, que permitem que você faça 40 travessias com mar liso no canal de Drake. E, de poucos anos para cá, a ocorrência de ventos que chegam a 130 nós (240 km/h) é frequente, uma coisa assustadora. Naveguei 20 anos para lá e nunca tinha visto vento acima de 70 nós”, acrescenta o navegador.

Para ele, alguns fenômenos mostram que existe uma parcela de responsabilidade do homem. “Quanto, eu não sei. A Terra já foi

mais quente, já foi mais fria. Mas é fato que uma parte das alterações é de nossa responsabilidade.”

No que tange o Brasil, o navegador também lamenta que, com um litoral de mais de 7 mil km, o País venha tratando tão mal sua porção do oceano. “É um descaso que começou na colonização e se comprova na disposição dos prédios, pois vemos igrejas e antigos casarões construídos de costas para o mar e facilitando o despejo de lixo na água, algo que acontece até hoje. O Brasil se esquece do mar”, finaliza. ■

O descaso do Brasil com a preservação de seu litoral é uma herança da colonização que hoje se reflete na qualidade de vida das cidades costeiras